

Alfredo

em movimento



Editorial

No início do ano letivo, lamentamo-nos porque o ano é longo, é preciso estudar, fazer testes, manter em dia a matéria... enfim... o final parece longínquo!

O facto é que o tempo não para e a agitação é tanta que, quando damos por isso, percebemos que terminou mais uma etapa.

Dos que vão partir, ficamos com saudades, mas sabemos que é este o caminho certo, a vida que continua e se desdobra em múltiplas “aventuras” que nos vão fazendo crescer e construir a nossa existência. Os que ficam, continuam a sua caminhada preparando-se para darem o “salto” para lá do muro do Alfredo!

O *Alfredo em Movimento* também vai de férias, claro!

Despedimo-nos desejando, a toda a comunidade, umas excelentes férias.

Não queremos deixar de agradecer a colaboração de todos, professores, alunos, encarregados de educação, amigos... todos aqueles que fazem o “Alfredo” movimentar --se e provar que somos uma escola com qualidade, feita de sucessos e de gente que trabalha para a excelência!

Até breve!

A equipa

António Almeida

Ana Isabel Marques

Maria Genoveva

Regina Rico

Editorial.....	2
A Poluição nos Oceanos.....	2
O museu do trabalho.....	2
Alfredo a “mexer”.....	2
Em Maio Mexe-te uma Beca.....	2
Visita de Estudo de EMRC a Sintra.....	2
Dia B.....	2
O mar na poesia.....	2
Saber +.....	2
Vale a pena viver?.....	2
English Corner.....	2
CAPOEIRA.....	2
A invasão dos pequeninos.....	2
A Pobreza e a Exclusão Social.....	2
Entrevista.....	2
Imenso mimo.....	2
Finalistas.....	2
Leitura.....	2
Visita a Sevilha/Mérida.....	2
Memórias d’Outrora Cantando e Rindo.....	2
Edifícios do Estado Novo.....	2
Cinema Capitólio.....	2

A Poluição nos Oceanos

Os seres humanos nos últimos anos têm tido pouco cuidado com o lixo que deitam no mar.

Nas últimas décadas, a poluição nos oceanos tem vindo a aumentar.



Essa poluição é causada pelos químicos, resultantes da atividade agrícola, comercial, industrial (esgotos industriais), residencial (esgotos domésticos) e os descuidos das pessoas, que causam degradação dos ecossistemas. Mas os principais perigos dos ecossistemas marinhos são os derrames de petróleo e outros combustíveis.



Os oceanos têm a capacidade de se regenerar mas, no entanto, nas últimas três décadas, têm-se debatido com um intenso processo de poluição. Os níveis elevam-se de tal forma que os oceanos e os mares já não conseguem regenerar-se.



Quando há uma grande quantidade de poluição, as praias ficam sujas e impróprias para o lazer e para a pesca, pois as águas ficam contaminadas por coliformes fecais, além de outras bactérias nocivas aos seres humanos e às faunas marinhas. Outro fator é a pesca, uma vez que são lançados poluentes no litoral, provenientes desta atividade.

Constatou-se que 41% de toda área marinha já sofreu impacto.

Andreia Gouveia Russo, 6º A, nº 4

O museu do trabalho

No passado dia 13 de Março, a turma G do 2º ano do Curso Profissional de Técnico de Informática de Gestão realizou uma visita de estudo ao Museu do Trabalho, de Michel Giacometti, em Setúbal. Os alunos foram acompanhados pela professora Fátima Pereira da disciplina de OEAG e pela diretora de turma, professora Ana Marques.

À chegada a Setúbal – Praça do Quebedo tivemos que percorrer uma pequena distância a pé até ao museu, como chegámos antes do previsto esperámos um pouco na parte exterior do museu junto a um lindíssimo mirador. Quando chegámos ao museu a guia que iria conduzir a visita já estava à nossa espera. A visita iniciou-se na parte de fora do museu.



O Museu do Trabalho Michel Giacometti é um Museu Municipal, criado em Setúbal, em 1987. Está sediado numa antiga fábrica de conservas de peixe, adaptada a museu desde 1995. O edifício é constituído por cinco andares (restaurante, receção, loja de vendas, centro de documentação, oficina de rendas, serviço educativo, auditório, serviços administrativos) e uma nave industrial com múltiplos espaços de

exposição. Está integrado num antigo bairro de pescadores, salineiros e operárias conserveiras que trabalhavam na ex-fábrica que é hoje o museu. O Museu do Trabalho foi ali instalado, no final dos anos oitenta. O edifício foi comprado pela Câmara de Setúbal em 1991 e o Museu foi inaugurado em 1995, depois de uma intervenção arquitetónica na casa que recolheu a imensa coleção Giacometti: mais de mil instrumentos do trabalho e do quotidiano rural recolhidos por centenas de jovens do serviço cívico, numa ação coordenada, no verão de 1975 sob a supervisão de Michel Giacometti.

No museu, três exposições representam os três sectores do mundo do trabalho e constituem o lastro do Museu.



Ao **Encontro do Povo** é uma evocação do mundo rural português através da coleção etnográfica de Michel Giacometti, um conjunto notável de alfaia agrícola, luminárias, utensilagem doméstica e demais artefactos, recolhidos por jovens pré-universitários, no

âmbito do Serviço Cívico Estudantil, logo após o 25 de Abril.



A coleção de arqueologia industrial, musealizada, representa a cadeia operatória do fabrico das conservas de peixe e ofícios correlacionados, a Litografia, a Latoaria e a Fundição tem o nome ***Da Lota à Lata***.



A Câmara Municipal de Setúbal aceitou a doação dos herdeiros da mercearia Liberdade e reconstituiu integralmente, no interior do museu, a velha mercearia que tem sido valorizada com outras doações.



Finalmente, a visita terminou e realizou-se a viagem de regresso ao Barreiro, no comboio que partiu da Praça do Quebedo às 18horas 16 minutos.

Esta visita foi vantajosa, na medida em que tomámos consciência de espaços de grande importância. Há a destacar a forma cívica e ordeira como os alunos se comportaram ao longo de toda a visita, num clima de agradável convívio entre alunos/alunos e alunos/professoras.

Simónia Pereira e Mónica Garcia
11º G – Curso Profissional de Técnico de Informática d e Gestão

Alfredo a “mexer”

Realizou-se, nos dias 1 e 2 de junho, em Guimarães, a final do torneio de Basquetebol 3x3, *Compal Air*, na qual os nossos alunos se sagraram Campeões Nacionais. A equipa, composta pelos alunos André Amado, Diogo Costa, Diogo Peixe e Tiago Peixe, teve uma excelente prestação ao ganhar 11 dos 12 jogos realizados.

O aluno Tiago Peixe ficou ainda em 1º lugar na prova técnica dos lançamentos na passada.



Parabéns a todos!



Em Maio Mexe-te uma Beca ...

Este ano decorreu, uma vez mais, esta atividade concelhia que encheu de cor e de risos os Parques Catarina Eufémia e da Cidade, durante a manhã do dia 22 de maio, e a Escola de Fuzileiros de Vale de Zebro na manhã de 15 de maio.

Esta atividade concelhia envolveu a comunidade escolar de todos os ciclos de ensino do concelho do Barreiro:

- 200 alunos do Agrupamento de Escolas Alfredo da Silva, D. Pedro V e dos Franceses – Parque Catarina Eufémia;
- 700 alunos dos Agrupamentos de Escolas, Augusto Cabrita, Casquilhos, Catica, CAI, e Quinta Nova da Telha.

No parque Catarina Eufémia, os jogos foram organizados e dinamizados pelos professores de Educação Física do Agrupamento de Escolas Alfredo da Silva, nomeadamente a Professora Virgínia Nunes apoiada pelos colegas Susana Soares, Vítor Duarte e Jorge Camilo.



Jogo das cores



Gincana



O Mata



Corrida de Sacas



O Jogo do Burro



Tração à corda

A Master Class foi da responsabilidade do prof. Vitor Guerra (antigo aluno do Ag. Esc. Alfredo da Silva).



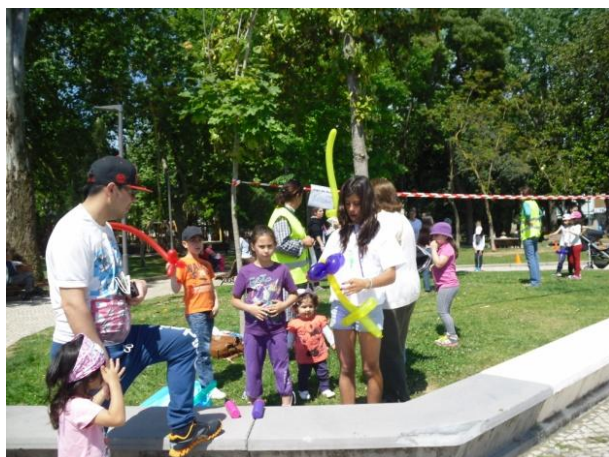
Na Hora do Conto, esteve a animadora “BáBá” Isabel Soares do Externato *o Início* – Os Franceses.



No Parque da Cidade, as atividades foram da responsabilidade do Professor de educação Física Luís Bilé (Ag. escolas Quinta Nova da Telha) apoiado por colegas e alunos das escolas envolvidas.



As alunas do 11º F do Curso de Técnico Profissional de Apoio à Infância, tiveram uma aula prática transversal em algumas disciplinas, nomeadamente Saúde Infantil, ECDM, Psicologia e Área de Integração.



As Associações de Pais disponibilizaram-se para colaborar e fizeram a reportagem fotográfica.

Os alunos participaram de forma entusiasta em todas as atividades. Houve, nesta manhã, o despertar mágico dos sentidos para as cores, para o movimento, para a natureza, para a interação com o outro... brincar, jogar, dançar serão ou não importantes para o crescimento e desenvolvimento dos nossos alunos? Tudo isto fará ou não parte dos programas?



Quem não concorda?

Visita de Estudo de EMRC a Sintra

No passado dia 12 de março, realizou-se uma visita de estudo a Sintra promovida pela professora de E.M.R.C. Esta destinou-se aos alunos dos 5º e 6º anos e do C.E.F. de Acompanhante de Ação Educativa.

A saída dos autocarros foi às oito horas da manhã, junto à escola Alfredo da Silva.

Às 9h15, os alunos chegaram a Sintra. Houve uma paragem, num jardim perto do Museu do Brinquedo, para os alunos lançarem.

Pouco tempo depois, começou a visita guiada ao museu, a qual contou com uma atividade de *peddy-paper*.



Visita guiada ao Museu do Brinquedo

Os alunos ficaram a saber que o seu fundador foi João Arbués Moreira e que as primeiras instalações foram o quartel de bombeiros.



O fundador, José Arbués Moreira

Atualmente, o museu tem três andares e expõe cerca de 40.000 brinquedos, a maior parte deles antigos.



Brinquedos para rapazes (2º andar)

O 1º andar é dedicado a exposições temporárias e a brinquedos espaciais; o 2º contém brinquedos para rapazes (carros, soldados, aviões, etc..) e o 3º conta com o sótão das bonecas, mais destinado a brincadeiras femininas, e com a oficina dos brinquedos.

Todos os meses são organizadas exposições temporárias. À data desta visita, estava a decorrer uma sobre “Lego” e “Playmobil”.



Exposição temporária – Castelo da Playmobil

Seguiu-se o almoço, junto ao Palácio da Vila que foi visitado em seguida. Este palácio de construção árabe passou a ser, após a conquista de Sintra, a residência de verão da família real portuguesa. Ao longo dos tempos, foram feitas várias remodelações, o que resultou numa grande variedade de estilos.



O palácio tem vários aposentos, mas são de destacar as salas dos cisnes, dos brasões, das pegas e o quarto do prisioneiro. É também importante a cozinha, com as suas enormes chaminés, a capela e a sala da China, onde se encontram vários objetos feitos em papel.



Sala dos Cisnes no Palácio da Vila

Antes do regresso houve ainda tempo para um pequeno lanche.

Depois de um dia bem passado, a chegada à Escola Alfredo da Silva deu-se pelas 17h30.

Rui Couceiro, 6º B, nº24

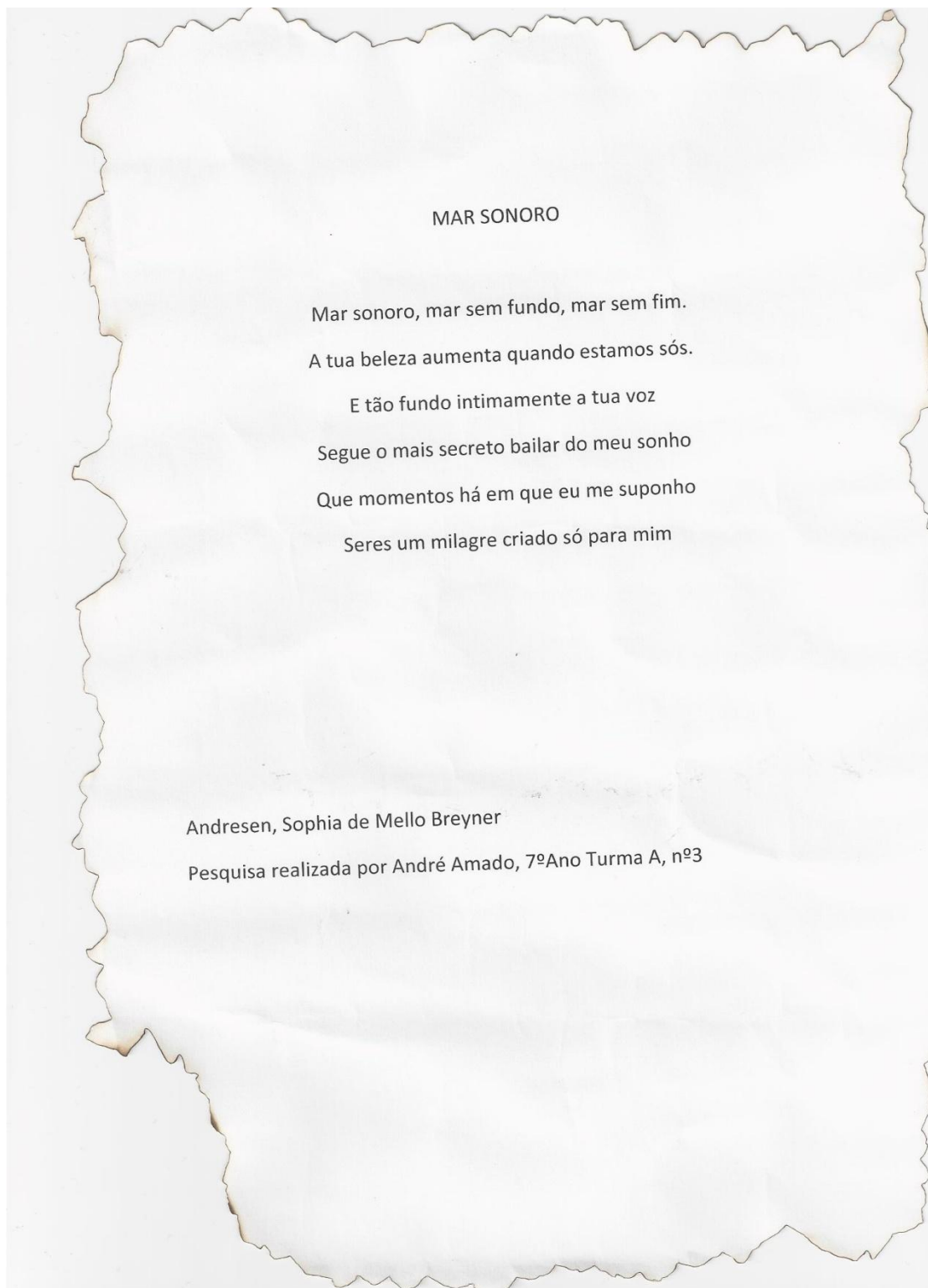
Dia B

Neste dia diferente, as turmas seleccionadas deram o seu contributo para tornar a escola mais colorida. Após a chegada dos rolos e das tintas, não hesitaram em dar cor às salas de aula e a outros espaços da escola. Que dia tão divertido!



O mar na poesia

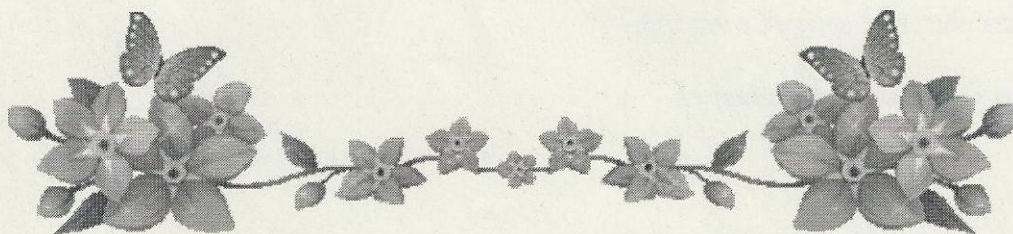
No âmbito da disciplina de Português, as turmas do 7º ano fizeram uma pesquisa de poemas sobre o tema do mar. Eis alguns desses poemas:



Mar, metade da minha alma é feita de maresia
Pois é pela mesma inquietação e nostalgia,
Que há no vasto clamor da maré cheia,
Que nunca nenhum bem me satisfez.
E é porque as tuas ondas desfeitas pela areia
Mais fortes se levantam outra vez,
Que após cada queda caminho para a vida,
Por uma nova ilusão entontecida.

E se vou dizendo aos astros o meu mal
É porque também tu revoltado e teatral
Fazes soar a tua dor pelas alturas.
E se antes de tudo odeio e fujo
O que é impuro, profano e sujo,
É só porque as tuas ondas são puras.

Sophia de Mello Breyner Andresen



Pesquisa de João Pedro – 7º B

Dia do mar no ar

Dia do mar no ar, construído
Com sombras de cavalos e de plumas

Dia do mar no meu quarto-cubo
Onde os meus gestos sonâmbulos deslizam
Entre o animal e a flor como medusas.

Dia do mar no ar, dia alto
Onde os meus gestos são gaivotas que se perdem
Rolando sobre as ondas, sobre as nuvens.

Sophia de Mello Breyner

Pesquisa de Miguel Pinto, 7º A



Vozes do Mar

Quando o sol vai caindo sobre as águas
Num nevoeiro de líquido d'ouro intenso,
Donde vem essa voz cheia de margas
com que falas à terra, ó mar imenso?

Tu falas de festins, e cavalgadas
De cavaleiros errantes ao luar?
Falas de caravelas encantadas,
Que dormem em teu seio a soluçar?

Tens cantos d'epopeias? tens anseios
D'amargura? tu também recessos;
ó mar cheio de esperança e majestade?!

Donde vem essa voz, ó mar amigo?
... talvez a voz do Portugal antigo;
Chamando por carmeões numa saudade!



N.º 16 Joana Canelhas 7.º A

Poema de Florbela Espanca

O Vagabundo do Mar

Sou barco de vela e remo
sou vagabundo do mar.
Não tenho escala marcada
nem hora para chegar:
é tudo conforme o vento,
tudo conforme a maré...
Muitas vezes acontece largar o rumo tomado
da praia para onde ia...
Foi o vento que virou?
foi o mar que enraiveceu
e não há porto de abrigo?
ou foi a minha vontade
de vagabundo do mar?
Sei lá.
Fosse o que fosse
não tenho rota marcada
ando ao sabor da maré.
É por isso, meus amigos,
que a tempestade da Vida
me apanhou no alto mar.
E agora
queira, ou não queira
cara alegre e braço forte:
estou no meu posto a lutar!
Se for ao fundo acabou-se.
Estas coisas acontecem
aos vagabundos do mar.

Manuel da Fonseca

Pesquisa de Filipe Ventura, 7º B

O Monstrogo

O monstrogo que está no fim do mar
Na noite de breu ergueu-se a voar,
A roda da nau vou três vezes,
Vou três vezes a chinar,
E disse, «Uem é que causou entrar
Nas minhas cavernas que não desvendo,
Meus tectos negros do fim do mundo?»
E o homem do leme disse, tremendo,
«El-Rei D. João Segundo!»

«De quem são as velas onde me roco?
De quem as quilhas que vejo e couco?»
Disse o monstrogo, e rodou três vezes,
Três vezes rodou imundo e grosso,
«Uem vem poder o que sou eu passo,
Uem marca onde nunca ninguém me visse
E escuro nos mecos do mar sem fundo?»
E o homem do leme tremeu, e disse,
«El-Rei D. João Segundo!»

Três vezes do leme as mãos ergueu,
Três vezes ao leme as repreendeu,
E disse no fim de tremer três vezes,
«Aqui ao leme sou mais do que eu:
Sou um Povo que quer o mar que é teu;
E mais que o monstrogo, que me a alma teme
E roda nas trevas do fim do mundo,
Manda a vontade, que me ata ao leme,
De El-Rei D. João Segundo!»

✶ Mensagem, Fernando Pessoa

No passado dia 19 do mês de abril deste ano, os alunos do 7º ano, no âmbito do Clube Saber+, fizeram uma visita ao MUDE (Museu de moda e design), em Lisboa.

Às 3 horas, encontrámo-nos na estação dos barcos do Barreiro para apanharmos o barco para Lisboa, juntamente com as professoras do clube.



Após uma divertida viagem, chegámos à estação Lisboeta, no Terreiro do Paço. Caminhámos, então, pela estação de metro até à Rua Augusta, onde se situa o museu.

Depois de um curto período de espera, entrámos no museu, onde fomos divididos em três grupos, cada um orientado por uma professora. À primeira vista, o aspeto inacabado das paredes e do teto do museu dão a sensação

de estarmos num edifício em ruínas ou a cair, apesar de ser de propósito, pois antigamente era um banco (Banco Nacional Ultra Marino) e quiseram mantê-las, para mostrar originalidade.



O museu consiste em variadíssimas peças de moda e design que estão distribuídas por exposições temporárias e numa exposição permanente de maior dimensão.



As exposições temporárias no MUDE têm um tema específico, que quando as visitámos eram “Barro Negro”, onde vimos, numa cave, vários cofres bancários e peças de arte; e “Fado, património Nacional” onde vimos alguns dos trajes e acessórios das fadistas portuguesas como Amália Rodrigues, Mariza e Carminho...

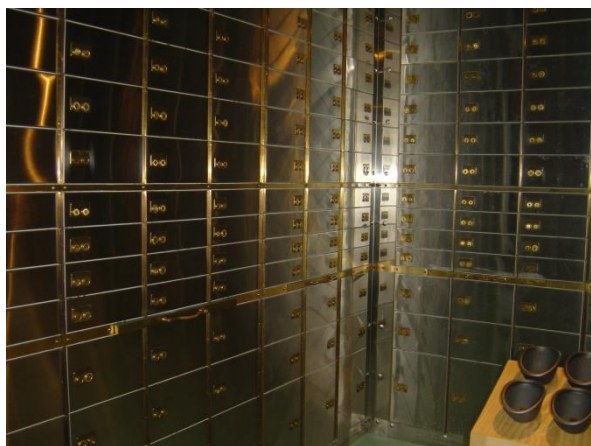
No segundo piso também existia uma exposição que continha algum mobiliário antigo pertencente ao banco Nacional Ultramarino e mobiliário mais atual, alguns modelos de casas e peças em madeira.



Por fim, vimos uma vitrina com a história e a evolução da arte e da tecnologia ao longo dos últimos dois séculos.



Na exposição permanente, no piso 0, observámos várias peças decorativas e de vestuário interessantes, desde sofás, carros, motos, cerâmicas e outros objetos do dia-a-dia desenhados e decorados de uma forma original inventados ao longo dos últimos dois séculos.



Também existiam uns pequenos placares com informação que continham o autor e a data em que foram inventados objetos que utilizamos no quotidiano como as canetas bic, a cassette, a lata, a cadeira e muitos outros...

Para concluir a nossa visita, antes de partirmos para o Barreiro, saboreámos um gelado num antigo café de Lisboa, no Terreiro do Paço.



Achámos esta visita muito interessante e produtiva para incentivar os nossos conhecimentos numa área pouco reconhecida.

Visitar o MUDE é uma boa forma de ficar a conhecer o design e a moda um pouco melhor, sem ter de gastar dinheiro, aconselhamos qualquer pessoa a visitá-lo, basta estar disposto a Saber+.

Catarina Iglésias e Tomás Carreira do 7^ºA.

Vale a pena viver?

E se nos perguntassem - “Vale a pena viver”? Qual seria a nossa resposta? Este foi desafio que a professora de Filosofia, Maria João Rodrigues, lançou aos seus alunos do 11º ano, no âmbito do estudo do Texto Argumentativo.

Aqui ficam as respostas de alguns colegas. Uma coisa é certa... todos responderam, como seria de esperar, que vale mesmo a pena viver e motivos não faltaram para defender esta tese.

Se vale a pena viver? Claro que vale, para que foi feito o ser humano se não para viver?

Viver é uma bênção, uma dádiva, nem todos têm esse privilégio e por isso devemos mostrar-nos gratos por podermos experienciar todos os dias esta festa que é a vida.

Mesmo quando parece que a vida nos virou as costas, vale a pena viver, pois temos de ter em conta que todos os dias são uma aprendizagem, que cada má experiência vai ser uma lição e nos fortalecerá como pessoas para que nos tornemos mais fortes, além disso, o Karma nunca se esquece dos bons – se fizermos algo de bom na vida, um dia seremos recompensados por isso, mesmo que até lá passemos por momentos difíceis.

Somos nós que traçamos o destino das nossas vidas, somos livres de escolher, que mais poderíamos nós querer?

A vida é uma festa, uma aventura, uma incógnita, amamos e sofremos, levantamo-nos e caímos, ganhamos e perdemos, mas tudo isto é viver, tudo isto são experiências, tudo isto vale a pena. Por isso, a cada dia que passa, devemos acordar dispostos a aceitar o que a vida tem para nos oferecer, devemos gritar bem alto para que o mundo nos ouça: eu estou vivo e vivo!

Mafalda Santos – 11º D

A nós, humanos e seres vivos que somos, é-nos dado o direito de viver. Mas valerá a pena?

O verbo viver tem muitas definições e conceitos diferentes para cada pessoa e cada um formula o

seu conceito. Mas, lá no fundo, existem muitas vantagens quando vivemos neste mundo.

Viver é ter vida, é existir. Na vida existem coisas boas e más, porém temos de aproveitar as boas e deixar as más. São as boas que nos fazem felizes e são as más que nos deitam abaixo, mas nos fazem mais fortes, com vontade de seguir em frente. Às vezes, mesmo sendo as coisas más em maioria, as boas compensam as más e deixam-nos querer viver ainda mais e melhor com esses momentos para recordar e repetir.

Viver é experimentar as sensações da vida e aprender com elas, viver é um percurso da nossa existência neste mundo. Se nascemos e se existimos, vivemos para fazer a diferença, deixar a nossa história e a nossa marca de alguma forma, nem que seja na vida de outra pessoa, no pensamento daqueles com quem vivemos.

Por isso, viver e deixar viver, um dia de cada vez como se fosse o último e aproveitar ao máximo... porque... vale a pena viver!

Patrícia Andrade- 11º B

Vale a pena viver? É óbvio que sim, quer dizer, nem tudo vale a pena, mas por ora falemos daquilo que realmente vale a pena:

Vale a pena viver para observar, ver, cheirar, tudo aquilo que nos rodeia, mas também para pensarmos, convivermos e relacionarmo-nos com muita gente. Esta experiência de vida começa quando nascemos, a tábua rasa do conhecimento, e vai evoluindo ao longo da vida, ou seja, isto tudo é vida.

É um conjunto de sensações que, por mais curioso que pareça, são muito diferentes do ponto de vista de qualquer um de nós, daí nós, ao longo desta vida, irmos crescendo e aprendendo, algumas vezes, que nós gostaríamos que fossem poucas, das piores maneiras, falo, claro, daquelas coisas menos boas da vida, no entanto, tudo faz parte dela, desde o momento em que nascemos até ao momento em que morremos, isto é viver, isto é vida.

Sem querer falar em credo religioso, nós temos de viver enquanto estamos cá, pois um dia esta vida acaba e não podemos voltar atrás!

Ruben Martins, 11º A

English Corner



International Children's Day

In Portugal, Children's Day is celebrated on 1st June. The World Conference for the Well-being of Children declared this day to be International Children's Day in 1925.

It is not only a day to have fun but also to promote children's rights like: Education, Health, Care and Protection, Freedom, Participation and Inclusion.

Unscramble each of the clue words and discover some of children's rights.

Copy the letters in the numbered cells to other cells with the same number.

CEAR DAN ROPTICTENO

10 6

NICTEUAOD

5 8

DEERMFO

7

TEALHH

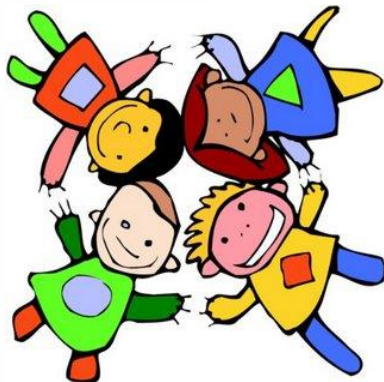
4 2

LOCSINNUI

1 9

PIINIPCARTAOT

11 3



, y

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11



C H I L D R E N ' S D A Y

P I N I P C A R T A O T P A R T I C I P A T I O N

L O C S I N N U I I N C L U S I O N

T E A L H H H E A L T H

D E E R M F O F R E E D O M

N I C T E U A O D E D U C A T I O N

C E A R D A N R O P T I C T E N O C A R E A N D P R O T E C T I O N

8 5 11 9 1 4 2 7 3 10 6 11

Soluções:

Alfredo em movimento

edição 07

CAPOEIRA

A *Capoeira* é uma luta, disfarçada de dança, em forma de brincadeira.

No nosso grupo (que se chama *Muzenza*, que significa a força de todos os deuses Africanos) há várias graduações que são feitas com cordas de cores.

O nosso grupo tem as suas próprias canções, os seus próprios movimentos de ataque e defesa e as suas próprias graduações.

O fundador do nosso grupo foi o Mestre Paulão, mas o que está a cargo do grupo, hoje em dia, é o Mestre Burguês.

O nosso grupo pratica capoeira contemporânea, que é uma mistura de capoeira Angola (capoeira lenta) e de capoeira regional (mais rápida).

Os instrumentos usados na roda de capoeira são o Berimbau (uma verga com uma cabaça na ponta, a que se dá o tom com uma pedra e bate-se no fio com um bastão).

Todas as segundas e quartas-feiras, entre as 18 horas e 45 minutos e as 20 horas e 45 minutos, podemos praticar *Capoeira* na Sede do Luso Futebol Clube.

Pedro Cruz - 8º A

A invasão dos pequeninos

No dia 14 de Fevereiro comemorou-se o 'Dia dos Afetos' no Agrupamento de Escolas Alfredo da Silva, com uma visita 'inesperada' dirão alguns, 'ansiada e muito bem preparada' dirão outros. Por volta das 10h 50m vimos chegar o primeiro grupo de visitantes. Entraram em fila indiana, sorrateiramente. "Vamos invadir a escola dos grandes!" pensavam eles. Mas afinal, tiveram "Comissão de Receção" à sua espera, com cestos cheios de maçãs, vermelhinhas e apetitosas para se comer à dentada, balões e corações de papel colorido com frases afetuosas e os sorrisos lindos das meninas do Curso Profissional de Técnico de Apoio à Infância.



Curso Profissional de Técnico de Apoio à Infância (11º F)

E eles foram entrando... a pré e o 1º ano tímidos, mas o 2º e o 3º Anos entravam como se esta fosse já a sua escola. Com um sorriso a bailar-lhes no rosto, recebiam as maçãs que iam mordendo, à medida que davam e recebiam abraços de todos, de alunos, de auxiliares e até de professores.



Visita à Cantina



Surpreendidos pelas maçãs!

Depois do átrio, invadiram a Cantina, onde as funcionárias, correndo o risco de tostar o almoço, os foram abraçando, cheias de afeto pelos pequenos visitantes.





A festa no Bar e na Secretaria

Mesmo ao lado estava a Direção da escola, e lá deram e receberam mais abraços, sendo acolhidos pelas professoras com palavras afetuosas e sorrisos luminosos.



e na Direção portaram-se como gente grande!

Porém, havia ainda surpresas reservadas para os pequenos no 1º andar e à porta do CRE... Depois de mais abraços na Sala de Professores, quem quis pintou a cara. E que lindas pinturas faciais saíram das mãos habilidosas das meninas do Apoio à Infância!



As pinturas faciais

Mas quando chegaram ao CRE, então fizeram fila! Receberam lindos balões em forma de flores, espadas e corações, ao gosto de cada um, acompanhados de abraços dos presentes.





Choveram abraços nesta manhã!

A manhã passou-se e, quando chegou a hora de voltar à escola Joaquim Seixas, havia quem trouxesse, literalmente, um coração pendurado ao pescoço... e sorrisos, sempre sorrisos nos olhos e nas caras de todos!



Os Balões não podiam faltar!

Mais uma foto... click!... e já está!



Adeus, até à próxima...!

A Pobreza e a Exclusão Social

«A turma do 11º F, Curso Profissional de Técnico de Apoio à Infância, atenta à realidade atual, resolveu tratar de um dos temas do programa de Sociologia - A Pobreza e a Exclusão Social - de um modo mais criativo...



Se uns multiplicam os ganhos, outros multiplicam a pobreza... E assim, depois de muito debate, nas aulas de Sociologia, TPIE e EP, surgiu a ideia de criar um «sr. Fortunas » - a personificação do atual mercado financeiro - e o «sr. Excluído», dono de coisa nenhuma...



Quem entra, não deixa de olhar. Já houve quem se assustasse!!!

A turma agradece.



Como a ideia era causar impacto na comunidade escolar, as ditas personagens ganharam corpo e foram expostas no átrio da Escola.

Julga ter contribuído desta forma para uma reflexão sobre o tema...



11º F - 2012-2013



Num momento em que se ouve falar de crise por todo o lado, decidimos ver de que modo esta malfadada crise se refletia na nossa escola. Para isso fomos entrevistar a Dona Ana Morgado, responsável pelo ASE – Apoio Social Educativo, que amavelmente nos respondeu a algumas questões.

Jornal Alfredo em Movimento: Quantos alunos nesta escola têm direito a escalão A do SASE? E escalão B?

Ana Morgado: No Agrupamento de Escolas Alfredo da Silva existem 257 alunos com escalão A e 57 no B.

JAM: Ano após ano, têm vindo a aumentar os casos de necessidade deste serviço?

AM: Sim, a diferença de 2011/12 para este ano letivo é de 30 alunos, com mais casos no 1º Ciclo e no Secundário.

JAM: Qual é a ajuda que a escola dá aos alunos com SASE?

AM: Antigamente era SASE – Serviço de Apoio Social Educativo, o nome atual é ASE – Apoio Social Educativo. O ASE dá apoio monetário para os manuais, mais um valor para gastar na Papelaria e no almoço escolar.

JAM: Obrigado pela precisão. Qual a diferença entre os escalões A e B?

AM: A diferença entre ASE A e ASE B tem a ver com os valores. O B recebe metade do valor do A nos manuais e papelaria. No escalão A, o aluno almoça sem pagar e no escalão B paga metade do valor normal.

JAM: Existe algum caso grave na nossa escola?

AM: Sim, de fome. A escola intervém através da Direção ou com o apoio do ASE.

JAM: Em que casos se atribui este apoio social educativo?

AM: A atribuição deste apoio tem a ver com o escalão de abono. Caso não exista, faz-se prova da necessidade com documentos.

JAM: Os livros escolares vêm logo no início do ano letivo?

AM: Em 90% dos casos, sim.

JAM: E que acontece com os outros 10%?

AM: Os restantes 10% não vêm saber quais são os seus direitos, nem deles se fazem valer e estão à espera que os pais venham à escola perguntar pelos livros. Numa fase mais avançada do 1º período, há uma maior dificuldade nas entregas de livros por parte das editoras.

JAM: Poderá contar-nos um caso mais grave?

AM: O caso mais grave nesta escola é o de uma menina que governa a sua própria casa; é boa aluna, mas passa necessidades. Ela dá valor a tudo o que a escola lhe dá. O problema é fora da escola, fora do tempo letivo. A escola dá-lhe o pequeno-almoço e o lanche, o ASE dá-lhe o almoço – come a sopa, o prato principal e a fruta e leva o pão com ela.

JAM: Muito obrigado pela sua disponibilidade.

Luísa Gonçalves e Andreia Russo, 6ªA

Imenso mimo...

As turmas da área do Apoio à Infância da nossa escola (11º F e CEF-AAE) mimaram os colegas mais pequenos, e não só, em diversas ocasiões, ao longo do ano letivo, pondo em prática conhecimentos e desenvolvendo competências relacionadas com o curso.



Em dezembro, acompanharam os coleguinhos dos 5º e 6º anos que frequentam E.M.R.C. ao Museu da Marioneta, apoiando--os na circulação pelas ruas de Lisboa, na hora da refeição e nos percursos dos turnos, já no Museu. No intervalo das atividades, ainda dinamizaram alguns jogos para entreter os pequenos visitantes.

A finalizar o primeiro período, as alunas do 11º F deslocaram-se à escola básica do nosso Agrupamento, vulgarmente conhecida pela Seixas, presenteando as turmas do 1º ano e do pré-escolar com um pequeno espetáculo de

Natal, que incluía uma dramatização criada a partir do poema “Meninos de todas as cores”, de Luísa Ducla Soares, e uma atuação com a Tuna da ESAS, apresentando algumas canções típicas desta quadra festiva. Em jeito de despedida, as nossas jovens também mimaram os pequeninos com a moldagem de balões: flores, corações, cães...



O mesmo espetáculo foi, depois, apresentado no sábado, 15 de dezembro, na Cooperativa Cultural Popular Barreirense, num encontro de projetos de escolas, mimando-se agora a comunidade em geral.



Em Março, viajámos de novo: fomos ao Museu do Brinquedo e ao Palácio da Vila, em Sintra, onde os grupos dos crescidos acompanharam cada turno dos pequeninos, ajudando-os a resolver as perguntas do questionário e circular entre os espaços.

Já no terceiro período, foi a vez da turma do CEF-AAE colaborar com o C.R.E., na realização da Semana da Leitura. Desta vez, tiveram como alvo os alunos das turmas de 9º ano, que foram mimados com “Assaltos de Leitura”, através da leitura expressiva do poema “Luís, o poeta, salva a nado o poema”, de Almada Negreiros.



Depois, entusiasmaram-se e “assaltaram” também a Direção e o Bar, mimando alguns espectadores com uns sustos, pelo inesperado da intervenção.



Agora, estão a preparar-se para irem dar mimo noutras paragens, a outros meninos, com outras responsabilidades... está a chegar o momento do estágio.

Recebam muitos mimos!

Prof. Matilde Antunes

Viagem à Disneyland Paris

Berna, Bruxelas, Dublin, Londres, Lloret del Mar, Madrid, Barcelona e até Nova Iorque ou Alentejo. A lista inicial era enorme, o “brainstorming” gigantesco, as discussões animadas, por vezes, chocantes. Foi o início da viagem de finalistas.

Desde há um ano que vínhamos falando de ir a algum sítio para acabar em grande ou secundário, mas era também um ano em que nada mais acontecia do que palavras. Faltavam os atos.

Ouviram-se então propostas, recusaram-se outras, e algumas foram aceites. Uma das primeiras foi Paris/Disney; no início, bem acolhida por todos, no final, éramos oito.

Não importava! Íamos a Paris e, sobretudo, queríamos divertir-nos. Não custou nada acordar às quatro e tal da manhã para ir ao aeroporto e apanhar o avião.

O primeiro dia: a revelação. De Lisboa a Paris, do aeroporto da Portela ao de Orly, até chegarmos à tão amada Disney! Desenganem-se aqueles que afirmam que o Disney World é só para crianças e só tem carrosséis, baloiços e escorregas. Não se trata apenas de um parque com carrosséis, bonecos e fadinhas a andarem de um lado para o outro; mas sim de um mundo, que, só poucos, como nós, têm a rara oportunidade de conhecer.



Sobre o parque propriamente dito, desde a “Space Mountain” aos “Aerosmith”, desde o simulador “Armageddon” ao “Star Wars”, desde a “Hollywood Tower” até ao “Laser Tag Buzz Lightyear”, desde as paradas diárias até “Pirates of the Caribbean”, tudo é digno de ser visto e vivido.

Mas o que mais nos espantou foi, sem dúvida, o espetáculo noturno: uma série de imagens projetadas no castelo da Bela Adormecida, acompanhadas com efeitos na água, fogo-de-artifício e música de todos os filmes Disney. Durante vinte minutos, que recordam todos os grandes êxitos destas duas décadas, não há mesmo palavras que os descrevam e é aqui que percebemos que todos os cêntimos valeram a pena.

Mas não podíamos ir à Disney sem reservarmos um dia para Paris. A “cidade mais linda do mundo”, como muitos a consideram, é um local para maravilhar e ser maravilhado.



Depois de uma hora de comboio, chegamos ao Arco do Triunfo com os seus quarenta e nove metros de majestosidade e enquanto descemos a “Avenue des Champs Élysées”, vemos o Palácio do Eliseu, de um lado e, lá mais ao fundo, o Obelisco. No fim da avenida, o Museu do Louvre, com todo o seu esplendor, absolutamente maravilhoso.

Fazendo uma pausa em Pont-Neuf para almoçar, regressamos “à estrada” visitando a histórica e imperdível Catedral de Notre-Dame, cujas ogivas e retoques na pedra nos contaminam com a sua preciosidade.

Já quase de noite, fazendo o percurso inverso, mas do outro lado do rio Sena, passamos pela casa da democracia de França, a Assembleia Nacional, seguida da famosa Ponte Alexandre III, não deixando de fora o grandioso Palácio dos Inválidos.



E o dia acaba em beleza com a indescritível Torre Eiffel, uma glamorosa estrutura que não só nos faz parar a alma como também o corpo, pelo medo que mete a cada um devido à sua altura. Que sensação é estar a 181 metros do chão e contemplar toda aquela cidade, já de noite com as luzes de cada edifício a cintilarem com as águas do Sena a mergulharem por Paris dentro com a vista a perder-se no horizonte!



No final, cansados, exaustos, desesperadamente à espera de descanso, mas, por outro lado, mais do que embevecidos pela magnífica viagem que escolhemos e vivemos.

A viagem de finalistas é o momento que representa simultaneamente o final de um ciclo e o início de outro. Estes três anos nas nossas vidas nunca mais se repetirão e, como tal, têm de ser celebrados com a felicidade que merecem: numa cidade que vale mais do que mil palavras e com amigos que, além de serem aquilo que são, representam o motivo pelo qual esta viagem vale tanto a pena.

Por isso, ambos perduram na memória da vida.

António Santos 12º A

A Semana da Leitura nas Bibliotecas do Agrupamento Alfredo da Silva

A semana de 22 a 26 de abril foi de *leitura* no nosso agrupamento. Várias foram as atividades que aconteceram ao longo desta semana. Entre *Assaltos de Leitura*, *Flashmobe* de poesia (para alunos e professores), um *Torneio de Leitura* (para os alunos dos 5º e 6º anos), um encontro com a escritora Ana Maria Magalhães, a *Pintura de um Painel* e o convite aos familiares dos alunos para realizarem leituras na Biblioteca, esta foi uma semana diferente nas escolas do nosso agrupamento.

Convido-vos para um breve balanço das atividades.

O *Flashmob* da poesia realizou-se em diferentes espaços da escola sede (CRE, Bar, Átrio principal da escola e Sala de Professores) e contou com a colaboração/cumplicidade de professores e alunos. Em todos eles foram ditos poemas que aludiam ao período da *Revolução dos Cravos*, cujo 39º aniversário se comemorava nessa semana. De salientar que uma destas apresentações foi feita ao ritmo de um rap, atribuindo um cariz diferente ao modo de dizer o poema.



No *Torneio de Leitura*, os alunos tinham que efetuar uma atividade que se baseava em duas obras que foram lidas no âmbito do Plano Nacional de Leitura (PNL) na disciplina de Português. *Ulisses* para o 6º ano e *A Menina do Mar* para o 5º ano. Em cada uma das turmas

houve um grupo vencedor cujos elementos receberam um livro como prémio. Todos os participantes receberam um *Certificado* de participação.



Os *Assaltos de Leitura* aconteceram em várias salas de aula, no Bar e na direção. Os “assaltantes” foram alunos da turma C.E.F. AAE, tendo utilizado como “arma” o texto de José Almada Negreiros, “Luís, o poeta, salva a nado o poema”.



Na Escola EB1/JI, J.J.Rita Seixas esteve a escritora **Ana Maria Magalhães** que, segundo a professora bibliotecária daquela escola, Carla Marina, “...partilhou experiências no âmbito da leitura com todos os alunos, familiares convidados e professores da escola. No final de cada sessão e ao longo do dia recebeu presentes dos pequenos leitores.”



Até breve.

Vítor Freitas

Visita a Sevilha/Mérida

Foi no dia 14 de março que um grupo de cerca de 50 pessoas, composto por alunos e professoras da Escola EB 2/3 e Secundária Alfredo da Silva, partiu bem cedinho do recinto escolar rumo a Espanha. A visita foi realizada no âmbito da disciplina de EMR (Educação Moral e Religiosa) e foi organizada pela professora Teresa Cunqueiro, tendo participado alunos de 9ºano e de todos os níveis do secundário (10º/11º/12º).

Primeiro destino: Sevilha. O caminho foi feito sem problemas alguns, tendo sido apenas efetuadas paragens para idas à casa de banho e para petiscos. Mal se passou a fronteira fez-se a maior paragem do percurso, uma vez que era hora de almoço. Chegou-se ao hotel por volta das 16h locais, facto que foi bastante vantajoso, uma vez que permitiu ainda a realização de uma pequena volta pelo centro da cidade e algumas compras.



Paragem para o almoço



Hotel de Sevilha



Centro da cidade de Sevilha

Após o regresso ao hotel, foi servido o jantar no restaurante do mesmo, depois do qual, rapidamente, toda a gente se recolheu aos respetivos quartos.

Também o segundo dia desta aventura começou cedo, tendo por principal destino o consulado Português em Sevilha, a que se seguiu a Catedral de Sevilha e, por fim, Mérida.

Fomos de autocarro até perto do rio e realizámos o restante percurso (Consulado – Catedral) a pé, razão pela qual ainda visitámos um lindo jardim. Em qualquer um dos locais visitados há que destacar uma excelente prestação dos guias e a sua amabilidade para connosco, para além da beleza de ambos os edifícios, focando em especial a catedral por toda a sua grandiosidade.



Foto de grupo com o cônsul



Foto de uma das fachadas da catedral

Depois de visitadas algumas das maravilhas de Sevilha, voltámos ao autocarro para partirmos para Mérida, onde chegámos perto da hora do jantar. Mais uma vez, depois de algum tempo na companhia dos amigos, toda a gente se recolheu aos respetivos quartos para descansar.

E assim, rapidamente, se chegou ao terceiro e último dia desta pequena-grande visita. Depois do pequeno-almoço tomado, partimos para as famosas ruínas romanas de Mérida. Uma vez que o tempo não estava no seu melhor estado, e estava a chover, decidiu-se começar pela visita panorâmica explicada por uma guia, a qual nos deu a conhecer um pouco de tudo acerca daquela cidade.

Após a saída do autocarro foram apresentadas duas opções: visita ao museu e, em seguida, às ruínas, ou vice-versa. Uma vez que a chuva perdurava, seguiu-se a primeira opção.



Ruínas Romanas em Mérida

Quando se deu por terminada esta visita às ruínas e, posteriormente, o almoço, voltámos a entrar no autocarro rumo a Portugal, onde também chegámos sem quaisquer problemas.

Desde já, o agradecimento por parte de todos os alunos a todas as professoras que os acompanharam e especialmente à professora Teresa Cunqueiro por ter tornado este desejo uma realidade.

Joana Ferreira, Inês Gonçalves

Abril 2013

Memórias d’Outrora Cantando e Rindo...

A Mocidade Portuguesa, organização de tipo paramilitar do Estado Novo, foi criada em 1936. Assumindo a Juventude Hitleriana alemã como modelo, numa primeira fase, esta organização juvenil pretendia não apenas mobilizar a juventude para a prática do exercício físico, mas também veicular princípios caros à Ditadura como o civismo, a disciplina e o respeito pela moral e pelos bons costumes, desenvolvendo junto das camadas mais jovens o tríptico do Estado Novo: Deus, Pátria, Família.



Os jovens dos sete aos catorze anos pertenciam obrigatoriamente a esta organização. Os escalões eram os seguintes: Lusitos, dos 7 aos 10 anos; Infantes, dos 10 aos 14 anos; Vanguardistas, dos 14 aos 17 anos; e Cadetes, dos 17 aos 25 anos.

O hino da Mocidade Portuguesa, composto por Mário Beirão, poeta bejense ligado ao movimento poético do Saudosismo, dá nota desse pendor militarista e de devoção aos valores pátrios, evidente nas primeiras três estrofes da letra: *“Lá vamos, cantando e rindo / Levados, levados, sim / Pela voz de som tremendo / Das tubas, clamor sem fim. // Lá vamos, que*

o sonho é lindo! / Torres e torres erguendo. / Rasgões, clareiras, abrindo! // Alva da Luz imortal, / Roxas névoas despedaça / Doira o céu de Portugal!”

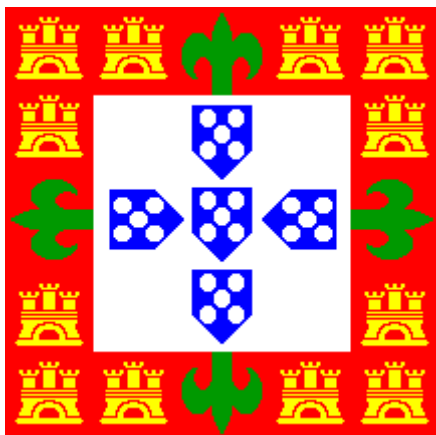
Por sua vez, a Mocidade Portuguesa Feminina, criada em 1938, tentava inculcar nas jovens o seu papel futuro de mãe e donas de casa, desenvolvendo tarefas ligadas ao lar e à educação de crianças e deixando de parte a cultura.



A Mocidade Portuguesa era liderada por um comissário nacional, nomeado pelo ministro da Educação Nacional, posto ocupado quase exclusivamente por oficiais das Forças Armadas e por políticos de valor reconhecido, apoiantes do regime em vigor, como Francisco José Nobre Guedes, de 1936 a 1940; Marcello Caetano, futuro chefe de estado, de 1940 a 1944, que aproxima a organização da Igreja Católica; José Porto Soares Franco, Luís Pinto Coelho ou Baltasar Rebelo de Sousa, entre outros.

A Mocidade Portuguesa e a Mocidade Portuguesa Feminina foram perdendo a sua influência até que, em 1971, foram transformadas em simples associações de juventude, com carácter não obrigatório.

Com a Revolução dos Cravos, a Junta de Salvação Nacional procedeu, de imediato, à sua extinção.



Emblema e Estandarte da Mocidade Portuguesa

Entrevista

José Alfredo Rodrigues, reformado de 83 anos, avô de uma das colaboradoras do *Alfredo em Movimento*, partilhou com as nossas enviadas especiais as suas memórias acerca do que era e o que se fazia na Mocidade Portuguesa.

Alfredo em Movimento: José Alfredo andou na Mocidade Portuguesa? Era obrigatório?



José Alfredo: Sim, andei na Mocidade Portuguesa, em Coimbra entre os anos de 1940 e 1943. Sim, era obrigatório entre os três primeiros anos do liceu.

AM: Usava farda? Como era?

JA: Não, porque os meus pais não tinham dinheiro para a comprar, mas lembro-me de ver os meus colegas a usá-la. A farda era castanha e verde.

AM: Em que dias da semana se realizavam as atividades? Quais eram?

JA: As atividades realizavam-se aos sábados de manhã, marchava-se à volta do recinto da escola D. João III e também jogávamos futebol ou praticávamos outros desportos.

AM: Marcavam-se faltas?

JA: Sim.

AM: Participou em alguma comemoração nacional?

JA: Não, porque não tinha farda.

AM: Obrigada pela sua disponibilidade.

JA: De nada.

Ana Ferreira, 6^ªA nº2
Luísa Gonçalves, 6^ªA nº15



Edifícios do Estado Novo

O Estado Novo, regime ditatorial saído da revolução de 1926, manteve uma política de obras públicas em larga escala.

Após uma primeira fase em que dominava o estilo modernista e na qual se destacam, por exemplo, o Instituto Superior Técnico ou o Instituto Nacional de Estatística, começou a dar-se preferência, essencialmente a partir da Exposição do Mundo Português em 1940, a um estilo nacionalista a que obedeciam as novas construções públicas como escolas, hospitais, escolas, etc. Este estilo, aplicado também a construções particulares, foi denominado “Português Suave” pelos seus detratores, que alegavam que este era pouco imaginativo.

Deixamos aqui dois projetos que servem de exemplo às construções realizadas no período do Estado Novo.

Barragem de Santa Clara

A Barragem de Santa Clara foi, em tempos, a maior barragem portuguesa. Esta fica situada no rio Mira, concelho de Odemira no Alentejo litoral, perto da fronteira algarvia. Parte da barragem encontra-se na freguesia de Santa Clara-a-Velha.

Foi inaugurada em 1968 com o objetivo de fornecer regadio para todo o concelho.



Beatriz Fonseca, 6ªA, nº4

Cinema Capitólio

O projeto de 1929 do Cinema Capitólio de Cristino da Silva (1896-1976), introdutor do modernismo em Portugal, marca a rutura enunciando as grandes questões da mudança que se operava na arquitetura portuguesa: um novo material, o betão armado, permitia construir um programa inédito (teatro, cinema, etc.) com uma

expressão baseada entre o novo gosto decorativo e um purismo racionalista que se referenciava claramente nos modelos da vanguarda internacional do movimento moderno.



O Capitólio abriu ao público em 1931, no Parque Mayer, um antigo recinto de diversões no centro de Lisboa.



Atualmente o Capitólio encontra-se abandonado e no centro de um projeto de intervenção para o Parque Mayer que propõem a sua demolição.

SERÁ QUE PERCEBESTE...?

Para ver se entendeste aqui vai umas perguntas:

1. Como se chama o cinema que falamos agora:

- a) Cinema Castelo Lopes;
- b) Cinema Capitólio;
- c) Cinema Lusomundo.

2. Em que ano abriu o cinema:

- a) 1931;
- b) 2013;
- c) 1741.

3. Onde abriu o cinema:

- a) No parque Catarina Eufémia, no Barreiro;
- b) No jardim da Gulbenkian, em Lisboa;
- c) No Parque Mayer, em Lisboa.

Soluções:

1.b); 2.a); 3.c)

Andreia Gouveia Russo, 6º A, nº 4